

PLATÃO E O PÓS-MODERNO

Manuel Antônio de Castro *

RESUMO

Atualizando *A República* de Platão, o A. observa que o paradigma moral tem sido a sua leitura mais corriqueira, enquanto se tem negligenciado o aspecto ético da obra. Invertendo o paradigma dominante, o ensaio traz uma reflexão política da crise de valores do mundo pós-moderno, especialmente do contexto brasileiro da atualidade.

Talvez nada mais estranho do que numa comunicação querer unir ou relacionar Platão e o Pós-moderno. Mais estranho ainda porque nem há ainda um consenso sobre o que seja o Pós-moderno.

Unir dois tempos tão diferentes como o de Platão e o momento atual é possível desde que não vejamos os dois contextos numa perspectiva de tempo apenas diacrônico e historiográfico. Pensar Platão no Pós-moderno é tentar ultrapassar a noção cronológica de tempo e pensar com Platão o que há de fundamental seja em sua época seja na nossa. E porque Platão pensou sobretudo o essencial é que podemos pensar com ele também a nossa época.

Afirma Martin Heidegger:
“. . .os pensadores Essenciais dizem sempre o mesmo; isso, no entanto, não significa que digam sempre coisas

iguais” (p. 98).² É este “o mesmo” que temos em comum com Platão. Mas acrescenta Heidegger logo a este pensamento nuclear, que faz de Platão nosso contemporâneo: “Sem dúvida, eles só o dizem a quem se empenha em re-pensá-los” (p. 98).² Mais do que nunca é preciso repensar Platão.

O que caracteriza nossa sociedade atual, denominada por alguns de Pós-moderna? Muitos já não são os traços visíveis: crise de representação e simulacro, fragmentação e crise de paradigmas, afirmação dos valores das minorias, perda da identidade etc. Mas destas características, mais ou menos vividas pelo povo abstratamente, uma há que todos vivenciam intensamente porque se faz presente na mais diferente gama de atividades cotidianas: uma profunda crise moral. Esta não poupa nenhuma instância do tecido das instituições sociais. Quem não se lembra da novela VALE TUDO, onde os personagens centrais ou de maior sucesso eram um primor de mau caratismo. Quem não se lembra de Fátima e Odete Roitman? Foi uma novela de enorme sucesso. Todas as peripécias da atual novela das sete QUE REI SOU EU? mostram a generalizada crise de valores morais que assola Avilan. Qualquer semelhança com nossa realidade não é mera coincidência. Mas não é só a ficção, aliás nossa realidade está tão inverossímil que a dis-

* Prof. Manuel Antônio de Castro – Doutor em Teoria Literária – UFRJ; Prof. Adjunto – UFRJ; Prof. convidado – UFG.

tinção entre ficção e não ficção quase se tornou um problema insolúvel, para o bem da ficção. Em termos de política atual vivemos o fenômeno Fernando Collor de Mello, caçador de marajás e paladino da moral pública. É a onda colorida. Ninguém pode negar a profunda crise de valores por que passa toda a sociedade.

Esta não é uma comunicação de política, mas de alguma maneira quer ser uma reflexão política.

Os fatos estão aí e, ficcionais ou não, impõem uma reflexão. Todo fato é um sintoma. É preciso diagnosticar a doença.

Platão escreveu uma obra de singular importância e atualidade: A REPÚBLICA ou em grego POLITEIA. É a primeira utopia do Ocidente, a primeira proposta de uma cidade ideal. Muitas e complexas são as suas facetas.

Qualquer aluno de teoria literária sabe que é em A REPÚBLICA que encontramos as primeiras reflexões sobre o fenômeno literário e, com grande espanto, à medida que lemos o livro III e sobretudo o X vemos como Platão, através de uma argumentação clara, conclui pelo perigo que os poetas representam, através das suas obras, para a formação dos cidadãos, concluindo pela necessidade de serem excluídos da República.

Muito já se escreveu sobre este problema. Mas creio que temos de distinguir dois aspectos, dois momentos.

Num primeiro momento devemos observar que a preocupação central de Platão é a formação moral dos cidadãos. Significa isso que a poesia não é vista em sua essência, ou seja,

como um campo específico de atividades. O problema é moral, o problema é de crise de valores. Até então a formação sempre fora baseada na poesia, sobretudo na de Homero. Platão ousa propor um novo paradigma de formação moral, uma nova paideia, que seria a filosofia. A filosofia substitui a poesia. a poesia, segundo o ideal platônico, não pode mais exercer tal função. Platão se defronta propriamente não com um problema literário, mas com um problema moral, isto é, de transmissão de valores, de educação do cidadão. O problema é não propriamente de literatura, porém, da função da literatura. A literatura teria uma função? Se afirmativa a resposta, em que consistiria essa função? Reduzir a literatura a uma função moral não seria esquecer a sua essência estética? Mas negar a função da literatura não seria cair num esteticismo vazio, motivo ainda mais explícito para sua exclusão da República?

Hoje, como no tempo de Platão, a literatura está unida ao sistema educacional, dentro do qual exerce importante função. Mesmo as novelas citadas, VALE TUDO e QUE REI SOU EU? apresentam claros intuídos moralistas, onde a dicotomia bem/mal divide os personagens em dois tipos, em duas ações, em dois mundos. É da essência da moral alimentar-se desta dicotomia. Por isso as novelas citadas, ao serem moralistas, não ultrapassam esse mundo dicotomizado, agindo em última instância como um reforço do sistema. A mesma crítica se faz em política: falta estofo, falta consistência ao candidato Fernando Collor, não apresentando uma visão política da

sociedade, mas apenas uma bandeira moralista. Trata-se de saber se quem diz isto não o diz por despeito.

A esta dimensão apenas moralizante une o candidato Fernando Collor um excelente visual, com uma imagem cuidada que se aproximaria do artista de tevê: um belo simulacro. A ficção de tevê, normalmente circunstancial, recebe um formato, em geral, primoroso e altamente técnico. E aí o esteticismo encontra um nível de realização tão grande que apenas acentua a função. Esteticismo e função encontram no formato da televisão a perfeita simbiose. O que não é de estranhar, pois são ambas expressões da metafísica ocidental.

E aqui voltamos a Platão. Podemos agora abordar o segundo momento da problemática platônica.

Platão é um pensador, um dos maiores do Ocidente e, por isso, nosso contemporâneo. Para nosso mal e nosso bem falamos a linguagem de Platão. O pensador, quando no Livro X, conclui pela exclusão dos poetas, não se torna – como bom moralista – um simplório censor. Para ele, o poeta é um imitador e está, portanto, três pontos afastado da realidade (p. 456), o que significa três pontos afastado da verdade (p. 459).

As duas palavras chaves deste segundo momento são realidade e verdade. A atitude platônica em relação aos poetas não é uma atitude apenas moralista, mas quer ser também ética. Ela se funda numa interpretação do real e da verdade. A sua procura é essencial, ele está em busca do que é fundamentalmente real. Este essencial e fundamental é

“o mesmo” da citação de Heidegger, no início desta comunicação. A procura platônica se consubstanciou na famosa teoria das idéias, simbolizada no conhecido mito da caverna. Ele é narrado no início do Livro VI e é esta passagem que se cita quando se quer mostrar a teoria de Platão. No entanto, é importante observar que o problema tratado se abordado no mito é a base de toda a especulação do filósofo. E o problema é tão pregnante, tão complexo que Platão já o assedia através de duas comparações simbólicas no livro VII: a linha segmentada e o sol. O filósofo serve-se de três aproximações diferentes para nos fazer entender o núcleo do seu pensamento. Isto mostra a complexidade do que nos quer fazer ver. Terá ele conseguido? Não mostra essa pluralidade de recursos uma dificuldade originária, um limite intransponível? A razão desta pergunta é que nos levou a afirmar que há em Platão uma atitude moral e uma atitude ética. Mas moral e ética não são a mesma coisa? Não. Vejamos. Quando Platão no Livro X exclui os poetas da República utópica, o faz argumentando que eles, pela imitação, estão três graus afastados do real e da verdade. Essa atitude é moral. O julgamento da produção dos poetas já se dá em função da sua teoria das idéias, ou seja, em virtude da sua concepção do real e da verdade. A decisão é já uma consequência. Neste momento ele não indaga sobre o que seja real e verdadeiro. Ele não parte da dúvida, parte da certeza. Mas se voltamos ao livro VI e VII, lá encontramos a incerteza, a dúvida, a indagação, a procura. O caminho, o iti-

nerário da pro-cura deságua na teoria das idéias.

Temos, pois, dois momentos distintos: 1º a pro-cura de quem não sabe; 2º a afirmação de quem sabe. O primeiro momento é ético, o segundo é moral. Ético vem de éthos: estadia habitual, habitação, maneira de ser. “. . . éthos significa estada (aufenthalt), lugar de morada: evoca o espaço aberto onde mora o homem. É a abertura da estada que faz aparecer o que ad-vém con-venientemente, à Essência do homem e, assim ad-vindo, se mantém em sua proximidade” (p. 85).²

Platão, como pensador, habita, respira, vive a dimensão fundamental do real, por isso é ético. E na ânsia de nos fazer participar da mesma dimensão do real, de nos conduzir para a estância, para a morada da abertura do Ser, propõe três aproximações: resulta a teoria das idéias. Estas são a clareira aberta por Platão na floresta do real. Mas quando se abre uma clareira só se abre uma clareira por recuo, afastamento e ocultamento da floresta, embora neste mostrar e esconder nos ad-venha o que é digno de ser pensado. Essa é a atitude ética. No entanto, desde Platão, se acentua, se acentuou neste longo percurso do Ocidente a clareira, não a floresta. Temos, por isso, com a teoria das idéias de Platão, um paradigma moral. Este paradigma moral tem um nome marcado e marcante: é a metafísica.

Quando Platão propõe o tríplico da República – linha segmentada, sol, caverna – uma dimensão básica comum o percorre: a separação (khorismós), de que resultaram as oposições e dicotomias com que organi-

zamos o real: sensível e inteligível, corpo e alma, matéria e espírito, realidade e idealidade. De um lado teríamos o mundo da opinião (doxa), de outro, o mundo inteligível (nous). Realidade e verdade é o mundo inteligível, o mundo das idéias. Interpretado o real, o ser como idéia, todo pensamento se orienta para além das coisas sensíveis e visíveis (metá tá physiká) à pro-cura da suprema idéia de Bem, causa primeira e universal, chamada por Platão e depois por Aristóteles de o divino (to theion). A ciência física (episteme physiké) corresponde ao conhecimento dos entes (physei ónta). A ciência que investiga os entes denomina-se “tá physiká”. Mas como o ser é a priori, tal investigação se estende para além dos entes ou “metá tá physiká”, donde, metafísica.

“Apriorização do ser e matemática do saber constituem o anverso e reverso da doutrina platônica sobre a verdade. Matemático (ta mathémata) significa precisamente o que é suscetível de doutrinação, de ensinamento e aprendizagem independentemente da experiência dos sensíveis, unicamente com a consciência dos inteligíveis” (p. 18).³

Platão ao fundar a metafísica, que é uma paideia fundada na expressão “mathéma”, que designa um conhecimento único, universal, necessário e permanente, exclui a paideia fundada na poesia, que era o modelo da diversidade e da multiplicidade.

Platão, habitante da floresta, pensador do real sabe da força e real importância da poesia ao afirmar:

“mesmo assim, diga-se que, se a poesia imitativa voltada para o prazer tiver argumentos para provar que deve estar presente numa cidade bem governada, a receberemos com gosto, pois temos consciência do encantamento que sobre nós exerce: mas seria impiedade trair o que julgamos ser verdadeiro” (p. 476).¹

Entre o deslumbramento da clareira, da razão e a enigmática poesia não é de estranhar que opte pela luz, uma opção que funda a metafísica.

O que Platão julgava ser verdadeiro e o foi proclamado por longos séculos, todo um sistema de valores morais fixo, toda uma divisão do real em dicotomias antagônicas, toda uma negação das diferenças e do não inteligível é que está hoje em crise, está hoje em dúvida, está hoje em derrocada: é isso que caracteriza o pós-moderno, são esses os fatos do nosso tempo, são esses os sintomas de que precisamos ler Platão, não para revigorar a sua metafísica, mas para aprendermos com ele a mesma obstinação e ânsia de real.

Temos de buscar em Platão a sua atitude ética e abandonar o seu paradigma moral. Platão no pós-moderno é a lição de pro-cura do ético.

Eu me pergunto é se novelas como VALE TUDO, QUE REI SOU EU? e fenômenos como Fernando Collor indiciam e são sintomas não apenas do que não se quer, mas do que é digno de ser pensado e pro-cu-

rado. Este é o desafio de Platão. Este é o desafio do pós-moderno.

ABSTRACT

Updating Plato's *Republic*, the A. attempts that the moral pattern has been its most common reading, while the ethical aspect has been neglected. Reversing this commanding pattern, the essay brings out a political thought about the post-modern world and its crisis of values, specially about the Brazilian contemporary context.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PLATÃO. *A república*. 5. ed. trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. 513 p.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. 103 p.
- MELO E SOUZA, Ronaldo de. *A hermenêutica da concreatividade*. Rio de Janeiro, 1988. 420 fls. Tese de Doutorado apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 1988. 420 fls.